



Tricentenário do Ceará

(POR CAPISTRANO DE ABREU,

D' A Noticia, Rio de Janeiro).

1.^o

Começam a chegar trabalhos commemorativos do tricentenário do Ceará. Do Barão de Studart, o erudito e incançável investigador, já recebemos dois, um relativo a Martim Soares Moreno, outro aos jesuitas Francisco Pinto e Luiz Figueira. Aquelle conta, com poucas interrupções, trinta annos quasi de historia cearense; este narra o triste fadario dos primeiros evangelisadores daquellas regiões.

Seria interessante inquirir como Guilherme Studart, doutor em medicina, cultor de sciencias positivas, entusiasta de sua profissão, passou a quasi exclusivamente consagrar-se a estudos historicos. Sua mais antiga publicação neste ramo data de cerca de vinte annos, e trata da familia a que pertence pelo lado materno. Será a genealogia que o encaminhou para a historia? Si assim succedeu do facto, pôde-se bem repetir as palavras do poeta sobre outro Guilherme, Wilhelm Meister, que, como Saul, filho de Cis, sahindo a procurar o fato paterno, tornou, ungido, com um reino.

Circumstancia de grande alcance para conservar-o nestes dominios, uma vez devassados, deve ter sido a abundancia de documentos colhidos aqui e além mar. Achar suppõe como condição prévia procurar, e elle tem procurado e achado tanta coisa e tem tido tal felicidade que não é facil dizer. Sua monographia sobre Martim Soares Moreno assenta sobre vinte e nove peças justificativas, das quaes só uma conhecida antes de suas pesquisas. A tragedia de Ibiapaba funda-se apenas em um testemunho, mas este provém de um dos protagonistas, occupa cincoenta paginas de impressão, e pôde ser comparado sem desvantagem com os mais importantes documentos de nossos annaes. Si tempos primitivos tão opulentamente estão representados, pôde imaginar-se o que succede com épocas menos remotas.

Na publicação e elaboração do material reunido tem consumido mais de vinte annos, e prosegue ainda com o ardor dos primeiros encantamentos. Leva a correcção das provas a um apuro verdadeiramente raro. Para ser o ideal do editor de papeis velhos, pouco lhe falta. Falta declarar sempre o paradeiro dos seus documentos, deixando de parte as tristes reservas de um Varnhagen para adoptar a franqueza e o desassombro de um Harris, de um Rio Branco, de um Medina. Falta-lhe occupar-se menos com os escriptos de pessoas não conhecedoras de documentos só por elle revelados; isto dá ás suas palavras um tom militante, e ás vezes aggressivo contra os antecessores na mesma scára. Si em vez disto, se applicasse mais exclusivamente ao exame do material assombroso que tem accumulado, o estudo intensivo dos documentos facilmente lhe daria resultados mais fecundos do que rectificações que qualquer faria á vista delles.

E agora percorreremos rapidamente as duas publicações do benemerito Barão de Studart.

Pensa Varnhagen que Diogo de Campos Moreno, tio de Martim Soares, veio para o Brasil em 1601 com Diogo Botelho. Póde ser; mas parece mais provavel que viesse antes. Uma carta de Feliciano Coelho de Carvalho, escripta em 1597, queixando-se de D. Francisco de Souza, lembra como capaz de governar o Brasil um Diogo *Sierua*. O nome está evidentemente errado. Não será antes Diogo Soares? e não será este o tio de Martim?

Para o sobrinho aprender a lingua da terra, Diogo de Campos mandou-o em 1603 em companhia de Pero Coelho ao Ceará, na expedição agora commemorada, que procurava chegar por terra ao Maranhão. No Ceará demorou tres annos, familiarizou com o tupy, deixou amizades entre os indios, principalmente com Jacaúna. Pareco que se retirou antes do descalabro da segunda empresa, na mesma caravela em que Pero Coelho levou a familia da Parahyba, em meados de 1606.

Em 1607 foi a viagem dos jesuitas Pinto e Figueira, de que Figueira voltou só, por ter sido trucidado seu companheiro. Que fez Martim Soares neste e no seguinte anno, ignora-se ainda. Em 1609 encontrámo-lo como tenente da capitania do Rio Grande do Norte. A visinhança incitou-o a novamente visitar as terras cearenses. Fez a viagem tres vezes, e por tal modo soube captar a confiança dos naturaes que afinal consentiram que se estabelecesse na terra.

Em 1611 Martim Soares Moreno pisou no Ceará pela quinta vez, desta como capitão. Fundou o forte de que a futura capital tirou e guarda o nome, tomou tres náos de corsarios que queriam negociar em Iguape e Mocoípe, gaba-se de ter degollado mais de duzentos francezes e flamengos, combatendo nú, de arco, flecha, barba raspada, negro de genipapo.

Em 1613, mandado ao Maranhão para informar-se da terra, fez pazes com os Tremembés da Parahyba, indios tapuyas, da tribu dos Carirys, amantes

e plantadores de cajueiros: desde o Preá foi pelas aguas interiores até a bahia de S. José. Ahi o título de filho de Jacaúna proporcionou-lhe boa recepção dos naturaes, conforme nos affirma. Yves d'Évreux diz entretanto o contrario, e que no Maranhão só foi auxiliado por *Cannibaliens*, isto é, Tremembés. Sentido pelos francezes, conseguiu escapar-se delles bem contra a sua vontade (car l'on eust sceu toutes les intentions des Portuguois, diz o chro-nista capuchinho), e foi aportar a S. Domingos, nas Antilhas. Em Abril de 1614 encontramol-o em Se-vilha, donde seu piloto Sebastião Martins foi levar ao governador, em Pernambuco, as esperadas noti-cias do Maranhão. Chegaram ainda a tempo, e Se-bastião Martins poudo acompanhar Jeronymo de Albuquerque e Diogo de Campos na armada de 1614 destinada a expulsar os francezes.

Segunda vez, no anno de 1615, encontramos Martim Soares em terras do Maranhão. Quando e como foi para lá? Diz Varnhagen, aliás numa das paginas mais confusas de seu livro, que tornou em companhia de Alexandre de Moura e de Diogo de Campos. O Barão de Studart acceita a mesma opi-nião, contra a qual duas difficuldades invenciveis saltam dos documentos agora divulgados. A primeira é dizer Martim Soares que serviu de sargento-mór na *ausencia* de Diogo de Campos. A segunda é dizer Martim Soares que «chegando o capitão-mór Ale-xandre de Moura áquella conquista, elle dito, es-tava entre os francezos como refens, donde logo se foi em busca do dito capitão-mór e lhe deu relação do que passava entre os francezes», etc.

Podemos accrescentar outra razão não menos decisiva: a 15 de Julho de 615, assigna com mais sessenta e oito companheiros uma petição a Francisco Caldeira, para que fique como collega e adjunto de Jeronymo de Albuquerque, segundo documento exis-tente na Secretaria do Exterior.

Uma explicação que escapa a estas difficuldades seria a seguinte: Diogo de Campos sahio de S. Luiz com o capitão Matheus Mailhard a 4 de Janeiro de 1615 e chegou a Lisboa a 5 de Março. Logo em seguida partio de Lisboa para o Maranhão com munições e polvora e mais coisas necessarias um patacho que tocou no Ceará, nos primeiros dias de Junho, pois a 14 de Junho de 1615, quando Francisco Caldeira alli chegou, já havia alguns dias que seguira para seu destino. Si de commandante deste patacho viesse Martin Soares, ficaria explicado como foi sargento-mór na *ausencia* de seu tio, pois Diogo de Campos estava então no reino; ficaria explicado como estava de refens entre os francezes quando Diogo de Campos e Alexandre de Moura chegaram a Maranhão no fim do anno; ficaria ainda explicado porque na armada de Francisco Caldeira, que precedeu a destes, e em que podia ter embarcado, elle que já commandára durante annos uma fortaleza em condições graves, e a quem, em summa, se devia o successo da empresa de expulsar os francezes, não foi contemplado si quer com o commando de um navio. Assim pôde se asseverar que Martin Soares foi, em 1615, pela sexta vez ao Ceará, para lá partindo directamente da Europa.

Ultimada a conquista do Maranhão e expulsos definitivamente os francezes, Martin Soares foi mandado pacificar os indios de Tapuitapera e Cuiará: o regimento que lhe foi dado em 2 de Janeiro de 1616 tambem existe e por cópia na Secretaria do Exterior. Alexandre de Moura quiz escolhê-lo para ir ao Pará. Suas enfermidades levaram-no a declinar da incumbência, que tocou a Francisco Caldeira. Embarcou depois em navio muito velho para tornar á sua capitania ou ao reino, não é certo qual; e ainda uma vez o capricho dos ventos levou-o a S. Domingos. Estava a partir uma frota; della foi feito cabo. Um temporal dispersou os navios e «em poucos dias

do viagem encontrou com um navio francez pirata com o qual peçojou muito tempo, até que lhe mataram toda a gente, ficando só tres homens com elle supplicante, todos feridos, donde elle supplicante escapou com 23 feridas e uma mão de menos e uma cutilada ao rosto.»

Levado a Dieppe, foi condemnado a morte no juizo do almirantado, por queixa das familias de francezes mortos no Ceará e em Maranhão. Graças à intervenção do embaixador hespanhol a pena deixou de ser executada. Desde 1618 encontramo-lo de novo no reino, reclamando premio dos serviços prestados no decurso de dezeseis annos. A esta circumstancia deve-se terem sido escriptos os apontamentos auto-biographicos, tão interessantes, só agora trazidos á luz pela diligencia do barão de Studart.

Em maio de 1619 foi nomeado capitão do Ceará por dez annos, com quatrocentos cruzados de vencimentos. Pedio também concessão de dez leguas quadradas de terra, mas conseguiu apenas duas. Fazendo este pedido, parece ter em vista fixar-se permanentemente, levando sua casa, isto é, sua familia. Eram ramos desta os Veiga Cabral, nome posteriormente e mais de uma vez representado com brilho nas paginas de nossa historia.

Indo ainda directamente da Europa, chegou ao Ceará, pela sexta e ultima vez, a 23 de setembro de 1621 e começou a executar os planos de fortificação, de catechese e cultura material que tinha em vista. Com os escassos recursos de que dispunha não poudo fazer muito.

O primeiro governador do Estado do Maranhão, Francisco Coelho de Carvalho, que esteve no Ceará em julho e agosto de 1626, descreve a fortaleza como fraca e desbaratada, apenas com uma peça de artilheria, ameaçada pelo gentio, revolto com as noticias da invasão hollandeza, cercada de terras proprias apenas para gados, pelos pastos largos e os

melhores da costa do Brasil. Além desta conveniência só uma lhe pareceu apresentar a capitania: servir de escala a quem tivesse de ir para o Maranhão.

Por um abuso de Francisco Coelho, segundo informa Soares Moreno, o Ceará foi incorporado ao governo do Estado do Maranhão, em vez de continuar pertencendo ao Brasil. Procurou restituí-lo ao Brasil, sabedor por experiência própria da dificuldade de navegar do Maranhão para as terras de barlavento. Algumas das pessoas, pelo governo da metropole consultadas a este respeito, deram razão a Martin Soares, mas afinal triumphou a opinião contraria de Bento Maciel Parente, já então famoso por suas expedições contra os indios e futuro donatario dessa Capitania do cabo do Norte, cobiçosamente pretendida pela França até a decisão definitiva de Berne.

Apenas teve noticia da invasão hollandeza, em Pernambuco, Martin Soares deixou sua Capitania e veio bater-se com os seus irmãos de lingua e crença. Desde então desligou-se da historia particular do Ceará para collaborar na grande lucta de vinte e quatro annos. Em 1630 contava quarenta e quatro annos de idade, pois em depoimento prestado no Maranhão, a 8 de janeiro de 1616, dá-se com trinta annos pouco mais ou menos.

O espaço não permite que tratemos da monographia do barão de Studart sobre os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira. Notaremos apenas de passagem um ponto em que não tocou. A serra dos *Corcos*, que os jesuitas passaram depois do Parásinho para ir a Ibiapaba pelo rio Aracaty-assú, conserva ainda hoje o mesmo nome em lingua geral: é a serra de Uruburetama.

2.º

A ilha e as cercanias de Tamaracá desde os

primeiros annos do descobrimento receberam colonisação européa. Allí fundou Christovão Jaques uma feitoria, cerca de 1521; dalli já se exportava assucar em 1526; um dos troços da capitania de Pero Lopes de Sousa teve por cabeça a villa da Conceição, assente na ilha; fronteiro, no continente, demorava Igarauçu, primeira povoação da capitania de Duarte Coelho.

Este avanço não trouxe vantagem consideravel áquelle territorio. Em setembro de 1544, frei Pablo de Torres, vedor da segunda e desastrosa expedição de Oreilana, dizia que entre os cabos de Santo Agostinho e o de S. Roque «francezes y quien quiere va allí por brasil sin impedimento alguno». Com igual acerto poderia dizer-se o mesmo quarenta annos mais tarde, substituindo apenas Tamaracá a Santo Agostinho.

Por que tamanha lentidão na investida colonisadora para o Norte?

Um motivo poderoso foi a posição da colonia, afastada e segregada de qualquer limite natural naquelle rumo. Caso semelhante occorreu ao Sul. Fundada Itanhaen, passou muito tempo antes de surgir Cananéa; S. Francisco e Desterro fizeram-se esperar bastante; S. Pedro do Sul data do segundo quartel do seculo XVIII: a colonia do Sacramento, limite natural, mais alongada embora, precedeu S. Pedro de meio seculo, no rio da Prata.

Outro motivo de igual força constituíam as correntes aereas e maritimas da costa do N. E., difficultando as communicações para barlavento, durante a maior parte do anno. Com estradas terrestres logrou-se mais tarde ladear taes embarços; mas este expediente não podia preceder a occupação, devia proceder della,—verdadeiro circulo vicioso só pela navegação a vapor tornado figura symetrica.

Emfim, por incidentes embuçados no limbo da historia, dos dois grandes grupos inimigos em que

se repartiram os Índios que fallavam a lingua geral, um, o dos tupiniquins, foi alliado quasi constante dos Portuguezes ou *Perós*, outro, o dos Tupinambás, identificou sua causa com a dos Francezes, ou *Maïrs*. Ora, os Tupinambás, sob diversos nomes, como Petegoares etc., se prolongavam do Norte de Pernambuco até quasi o Jaguaribe, com grandes reservas acampados no sertão; dominavam no Maranhão, desde a ilha que deu o nome á terra até quasi a embocadura do Amazonas; os Tupiniquins (Tabajaras), em todo este territorio, ficavam afastados do mar e só na Ibiapaba se apresentavam em massa compacta. Assim, enquanto os Francezes defrontavam desde logo seus alliados natúraes, quasi por toda a parte os Portuguezes tinham de ir buscal-os ao interior,— novo circulo vicioso.

Este conjunto de circumstancias explica a avançada lenta: o cabo Branco só foi definitivamente vencido em 1586; o de S. Roque resistio quasi até o fim do seculo; o Mocoripe foi incorporado a partir de 1611; a ilha do Maranhão só foi definitivamente povoada em 1615; os pequenos cabos de NE. resistiram quasi tanto como o Bojador e Boa Esperança em Africa. Em compensação dahi para deante, para o limite natural, a marcha foi accelerada, na margem direita do Amazonas; a margem esquerda ainda é disputada, sinão na foz, na maior parte de seu curso e médio, até o Solimões.

Um dos episodios mais pungentes da avançada figura a expedição dos padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, mandados pelo territorio cearense em 1607 ao Maranhão. Conhecia-se, ou antes julgava-se conhecê-lo, em seus traços geraes, pois agora vemos que as amplificações e divagações occupavam o lugar da verdade singela e verdadeira. Devemol-o ao tão infatigavel como erudito Barão de Studart. Sabia-se vagamente que Luiz Figueira fizera a narrativa da viagem e da paixão de Francisco Pinto. O

Barão de Studart acreditou que depoimento de tal preço não podia ter desapparecido. A fé move montanhas. De um recesso do Limburgo Hollandez acaba finalmente de resuscitar o mais antigo documento existente sobre a historia do Ceará, — a informação de Luiz Figueira datada de 26 de março de 608.

Como costuma, o barão de Studart precedeu a publicação deste documento de longo e succulento estudo, discutindo com sua competencia e profundidade conhecidas questões proxima ou remotamente annexas ao objecto principal; a biographia de Francisco Pinto fica esclarecida em suas linhas geraes; a de Luiz Figueira apanha uma contribuição generosa; pontos da historia de Pernambuco são resolvidos; chronistas antigos e escriptores modernos comparecem ante um tribunal inexoravel; do debate sue fundamentalmente ferido o chronista José de Moraes, jesuita cuja veracidade está pedindo meças á mendacidade do beneditino frei Gaspar da Madre de Deus, o beijinho dos Paulistas.

A expedição pôde dividir-se em cinco periodos: de Pernambuco ao Jaguaribe, viagem em navio; de Jaguaribe ao Parásinho, viagem á beira-mar; de Parásinho por Uruburetama a Ibiapaba e desta a beira-mar, viagem pelo sertão; outra vez viagem por beira-mar, até vir do Rio Grande do Norte o navio que restituiu á civilisação Luiz Figueira e seus companheiros indigenas. O primeiro e ultimo dispensam commentarios; qualquer dos outros os pediria muito longos, tantos os problemas historicos, ethnologicos e geographicos nelles contidos. A tão famosa residencia de Anchieta em Iperoig, exaltada enthusiasticamente em prosa e verso, em nada excede as proyações arrostadas por seu irmão de Ordem, autor da segunda grammatica da lingua geral, de que Anchieta escreveu a primeira.

Nesta noticia só cabem alguns ligeiros apontamentos ethnographicos.

O Ceará estava occupado por Tupinambás ou Petiguares, ao Sul, chegados recentemente do Rio Grande do Norte, e por Tupiniquins ou Tabajáras, espalhados pela Ibiapaba, e residentes ali desde muitos annos, senão seculos, pois constituíam setenta aldeias. Eram numerosos os Tapuyas, geralmente Carirys, primeiros habitantes do littoral, já então recalçados para o interior, excepto ao Norte, onde os Tremembés, também do tronco cariry, dominavam as praias que vão do Camocim até além da Parnahyba. A palavra Ceará (Siará) é legitimamente cariry, e as explicações até agora tentadas pelo tupi só satisfazem os proprios inventores.

Viviam estes tres grupos em lutas continuas. O meio de trato com os Tapuyas consistia no fumo, e, facto notavel, ainda hoje no Ceará existe a palavra cariry *bāsé*, (provavelmente origem de Pacé, nome de uma localidade da Bahia), para designar uma especie desta droga. O *caipora* do Ceará, exigindo fumo de quem penetrava em seus dominios, é talvez reminiscencia dos Carirys. Dos costumes destes pouco nos conta Figueira, que com elles não teve contacto directo; conta-nos apenas o que já sabiamos de outras fontes, que comiam os mortos queridos, pulverisando os ossos, isto por uma razão de ordem sentimental que era não ficarem com medo nem saudade delles, outra de ordem philosophica: só se deve confiar á terra o que póde renascer.

Em compensação, muito confirma ou accrescenta Figueira ao que sabiamos dos Indios da lingua geral.

Não comiam certa qualidade de veados para não ficar medrosos. Queimavam os campos no verão por causa das cobras. Muitos tinham para si que eram immortaes, e ficavam pasmados ouvindo que haviam de morrer. — «Estando nós um dia, á noite, em nossa casa, ouvimos um que tossia com grande efficacia, e escarrava, procurando vomitar, fazendo

grande estrondo; mandamos saber que era aquillo, vieram-nos dizer que estava um menino doente e um feiticeiro que o curava, e a cura era chupal-o como costumavam, dizendo que lhe tiram o mal de dentro e, para fingir melhor o engano, mettem na bocca um prego, ou cousa semelhante, e com aquelle seu escarrar fingem que o chuparam e o tiraram ao doente e que aquillo era o que lhe fazia o mal.»

«Outro dia á noite, de repente, ouvimos bater as palmas em uma casa, e logo noutra e logo em todas geralmente com grande estrondo. Perguntámos o que era aquillo, responderam que um feiticeiro ouvira a voz de uma cobra que vinha voando pelos ares, e que dava signal com aquelle bater das palmas que estivessem todos alerta para que não cahisse sobre algum e o mordesse».

Quando trovejava, punham-se de cocoras, pediam aos trovões que os não matassem e aos relampagos que os não queimassem.

Apparecendo um cometa em setembro de 1607, ficaram receiosos de que o ceu ardesse e cahisse. «Têm grande modo de cahir o céu sobre elles e, para impedir este mal, alguns delles, pela manhã, em espartando se levantam e fazem fincapé no chão, com as mãos ambas para o céu, para terem mão nelle que não caia, e assim lhes parece que fica direito para todo aquelle dia.

«Tambem os atormenta muito o medo de se abrir a terra e de os alagar o mar. Os que entre elles são feiticeiros fallam com o diabo muitas vezes, o qual lhes falla de noite, ás escuras; posto que não o vêem, ouvem-no, e dão-lhe o fumo que beba, o qual vêem estar no ar, mas não vêem quem o tem; vêem porém as baforadas que lança, e lhes diz a volta de uma verdade muitas mentiras, e quando vão a caça lhes diz aonde a acharão e aonde está o mel.»

Abundam nas paginas de Luiz Figueira muitas scenas da vida real, que permitem perceber-se me-

lhor o estado social e as condições psychologicas daquelle gentio. Escolheremos para terminar uma, que precisa de ligeira explicação prévia.

Na lingua geral, os nomes substantivos tinham passado, como entre nós têm passado os verbos. Alguns destes nomes passados persistem em nosso fallar commum, por exemplo *tapera*, aldeia velha, ex-aldeia, passado de *taba*, aldeia; *caapoera*, passado de *caa*, mato velho, ex-mato, etc.

Quando Figueira, já martyrisado o companheiro, acolheu-se a uma aldeia, o chefe, Cobra azul, recebeu-o com pouca benevolencia. O filho do chefe, chamado Cobra azul novo, inclinou-se logo ao missionario, e tanto mais se lhe affeição quanto mais se manifestava a má vontade paterna. Por fim o conflicto rebentou.

«Quando veio ao dia seguinte pela madrugada, escreve Luiz Figueira, começa (Cobra Junior) a fallar alto que todos o ouvissem desta maneira contra o pae: Apparelhai-vos vós outros, e vamos com o Padre e deixemos ficar a este que tem o meu nome velho (declarando o pae por este circumloquio por modo de desprezo)...»

Meu nome dizia-se *cará*, palavra que ainda hoje é empregada mesmo pelos que lhe não conhecem a origem; meu nome velho, meu ex-nome, deve ser *sarapoera*. Como xingamento *sarapoera* possui incontestavel originalidade.—*Abreu*.

Nota.—No artigo publicado ha dois mezes nesta folha com o mesmo titulo do presente, sahio por engano que Varnhagen e Studart affirmavam ter Martin Soares Moreno vindo da Europa em 1615 em companhia de Diogo de Campos, indo depois com este e Alexandre de Moura na terceira expedição a Maranhão. Varnhagen affirma de facto ambas as coisas; Studart apenas fala na vinda da Europa, e ao contrario mostra que Martin Soares já estava no Maranhão quando lá chegou Alexandre de Moura. Sirva isto de rectificação.